

Os Poetas e a Felicidade

— I —

HA dias, escrevendo sobre uma recente tradução do *Fausto* de Goethe, tive ocasião de fazer notar o modo por que a maioria dos poetas encara o problema eterno da Felicidade. Coincidiu isso com a leitura de um estudo do pensador uruguayo Alberto Nin Frias acerca da morte considerada sob o ponto de vista de uma philosophia optimista. Esse ponto de vista nunca conseguiu nem conseguirá apagar no espirito humano o terror que só inspira o pensar-se na morte. E isso a despeito de quasi todas as religiões affirmarem a immortalidade da alma. Mesmo assim ha quem acredite numa época em que ninguém verá na morte essa velha insaciavel de sangue, perseguidora antiga do genero humano. O supracitado pensador é um delles:

«Quizá cuando la humanidad sea más buena y más hermosa que hoy y que ayer, la madre de la ciencia — la Natureza — rasgue el velo; entonces no se la temerá con espanto, sino que se la mirará con alegría, la más elevada de todas las alegrías, de quen destruye algo inútil» E conclue dizendo:

«Luz, mucha luz en la vida, como luz para dormir en la tierra y despertar en la eternidad.» (1)

Para muitos nisso se resolve o problema da felicidade, que então virá só no outro mundo. A ideia de que «a morte seja um estado transitorio, um parenthesis na ascensão do ser» torna-se nesse caso um consolo aos males terrenos. E é por isso que, como diz G. Papini, o Budhismo é uma religião utilitaria e optimista. (2) E é por isso que os poetas optimistas, os poetas, note-se bem, amam a morte. E é por isso que Victor Hugo, a quem não se pode accusar de enfermo do «mal du siècle» de Vigny, dirige-se com verdadeiro entusiasmo a essa «hora esplendida». (3)

«Ceux qui passent à ceux qui restent
Disent: Vous n'avez rien à vous! vos pleurs
Pour vous, gloire et bonheur sont des mots
Dieu donne aux morts les biens réels, les
Vivants! vous êtes des fantômes.
C'est nous qui sommes les vivants.»

Em outro poema, o auctor das «Contemplações» escreve:

«Ne dites pas: mourir; dites naître.»

Leconte de Lisle é talvez o mais generoso para com a morte:

«Et toi divine mort, ou tout rentre s'efface,
accueille tes enfants dans ton sein étoilé;
affanchis-nous du temps, du nombre et de
et rend-nous le repos que la vie a troublé.»

Walt Whitman a qualifica de rica, florida, doce, tranquila, bemvinda, etc., quando do assassinio do presidente Lincoln (*Leaves of Grass*). O poeta persa Omar Kayam declara que «a morte carece de temores quando a vida é sincera e é o viver mal, que nos faz temer-a.» André Chenier aponta-a aos desesperados:

(1) A. Nin Frias — Ensayos de critica e Historia — Valencia.
(2) G. Papini — 24 Cervelli — 5.a edição — Milão, 1919 — pg. 17.
(3) «O mort! heure esplendide! ô rayons mortuaires.» Les Contemplations — Aujourd'hui — Cadaver.

«O mort! tu peux attendre; éloigne,
(éloignetoï;
va consoler les coeurs que la mort,
(l'effroi,
le pale desespoir dévore.
Pour moi, Pales a des ailes verts,
les amours des baisers, les muses des
(concerts!
Je ne veux point mourir encore!...»

Para Baudelaire:

«C'est la Mort qui console, hélas! et qui fait,
(vivre,
C'est le but de la vie, et c'est le seul espoir
Qui, comme un élixir, nous moute et nous en
(vivre,
Et nous donne le coeur de marcher jusqu'au
(soir!»

...
C'est la gloire des Dieux, c'est le grenier mystique,
C'est la bouse du pauvre et sa patrie antique,
C'est le portique ouvert sur les Cieux incon-

«E' o portico aberto sobre os Céus ignorados!

Eis uma nova e interessante maneira de encarar a morte, produzida por essa sede do «novo» a que deve a humanidade a maior parte de seus progressos: a curiosidade. Para certas pessoas ella é um farol, um guia ou, como diz Henry Bordeaux, uma «razão do viver». Essas pessoas vão pela vida como para um theatro, seja drama, *vaudeville* ou comedia o que ali se representa, conservam o mesmo humor para tudo applaudir ou para tudo patear. (4) Baudelaire era assim ou pelo menos affectava sel-o. Em um de seus poemas chega a dizer:

O Mort, vieux capitaine, il est temps! levons
(l'ancrer!
Ce pays nous envie, o Mort! Appareillons!
Si le ciel et la mer sont noirs comme de l'encre,
Nos coeurs que tu connais sont remplis de rayons!

Verse-nous ton poison pour qu'il nous recon-
(forte!
Nous voulons, tant ce feu nous brûle le cer-
(veau,
Plonger au fond du gouffre, Enfer ou Ciel,
(qu'importe?
Au fond de l'Inconnu pour trouver du nou-
(veau!»

Isso faz lembrar a curiosa anecdota que se conta do pintor de quadros religiosos Pietro Vanucci. Delle afirmou Vasari que não era, a despeito de seu officio, um homem religioso: nunca acreditara na immortalidade da alma. Quando chegou a sua hora quizeram que se confessasse, a que não consentiu, pois desejava saber o que acontece a uma alma que morre sem se ter penitenciado das suas faltas.

O elogio da morte não é tão commun nos poetas luso-brasileiros quanto aos das demais nacionalidades, entretanto houve dentre aquelles quem a cantasse com mais entusiasmo talvez que o proprio Victor Hugo. Foi Anthero de Quental. Só tivemos occasião de observar o seu soneto: «O que diz a Morte!» vale ouro!

Leiam-n'ó:

«Deixae-os vir a mim os que lidaram;
Deixae-os vir a mim os que padecem:
E os que cheios de magua e tedio encaram
As proprias almas vans, de que escarnecem.»

(4) Henry Bordeaux — Pelerinages littéraires — Paris — 3.a edição — pg. 320.

Em mim, os Sofrimentos que não saram,
Paixão, Duvida e Mal, se desvanecem.
As torrentes da Dôr, que nunca param,
Como num mar, em mim desaparecem.»

Assim a Morte diz. — Verbo velado,
Silencioso interprete sagrado
Das cousas invisiveis, muda e fria,
E' na sua mudez, mais relumbante
Que o clamoroso mar; mais rutilante,
Na sua noite do que a luz do dia.

Sergio Buarque de Hollanda.

II

Já temos examinado os poetas para os quaes a felicidade só vem com a morte. São elles de duas categorias: os que crêm na immortalidade da alma — para esses o phenomeno da morte não é senão um limite entre esta vida e outra muito melhor; e os pessimistas que negam toda a possibilidade de existencia da ventura no seu sentido completo. Estes são muito mais raros. Ha ainda os que sem determinar se a perda da vida acarreta ou não a felicidade, consideram-na um sonho vão, um minuto sem importancia, uma sombra. São mais ou menos desta classe os religiosos de quasi todas as seitas, inclusive os christãos. No já citado estudo sobre *Fausto* tivemos occasião de mostrar qual a opinião de S. João Crisostomo que nesse ponto, pôde-se dizer, reúne a de todo mundo christão. São igualmente dessa classe os trovadores, os cançonetistas populares, em geral. Tomamos ao acaso esta ballada moderna:

La vie est vaine —
Un peu d'amour,
Un peu de haine
Et puis — bon jour.
La vie est brève —
Un peu d'espoir,
Un peu de rêve
Et puis — bon soir.

A ella tambem pertence grande numero de lyricos, entre elles o suave João de Deus, de quem são celebres os versos:

«A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal sôa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que vóá; etc.,»

A maioria dos poetas luso-brasileiros se prende a essa corrente. Ha ahi, é certo, um pouco da nostalgia que se tem descoberto nas cançonetes populares d's portuguezes e brasileiros é que uma apreciação erronea, tem tornado lugar commum o estender-se aquillo ao caracter proprio daquelles povos. Essa nostalgia é aliás notavel em todos os pontos onde se exerceu a influencia dos arabes. (1) Existe igualmente nas canções populares, em que entra o elemento religioso, de quasi todos os povos christão. E' pois um resultado da influencia semita como já vimos occasião de observar em um recente estudo ao qual já nos temos referido aqui. Ruben Dario em conferencia pronunciada em Buenos Ayres, a proposito de Eugenio de Castro, lembra que os portuguezes, esse povo viril, sentem de modo particular e exagerado o sopro da tristeza e nota bem a proposito que possuem elles uma palavra que indica «una enfermiza y especial nostalgia», um sentimento unico, cheio da mais melancolica doçura: *saudade*.

Sylvio Romero diria, como disse, dessas utopias, que são historietas para adormecer creanças.

«A tristeza negra, em Portugal», exclama elle, como nota tonica da indole da gente!

E' mistér ter esquecido depressa o que são as feiras, as romarias, as janeiras em todo o reino; haver deixado apagarem-se da memoria os tons festivos do trabalho, das sachas, das desfolhadas... as dansas, as cantigas, o fado em summa». (2)

Ignoramos qual a concepção que da morte terão os nossos lyricos em geral. E' assumpto que pouco lhes tem inspirado como tambem aos portuguezes. E' possivel e provavel contudo que seja a de Rachilde ou pelo menos a de seu drama symbolista «*Madame La Mort*», em que o auctor empresta á morte as fórmas mais horribéis. E' o que se depreheende do seu silencio a respeito. Em geral os nossos poetas amam a vida com todas as suas desgraças e masellas. E' raro o encontrar-se algum que a despreze. Os poucos que assim pensam são deplacés no nosso ambiente literario. Muitos têm até feito o elogio da vida, um dos melhores poeticos, quer dizer um trovadores, os cançonetistas populares, em geral. Tomamos ao acaso proprio Raymundo Corrêa, chega a esse ponto:

«Viver! Eu sei que a alma chora
E a vida é só dor ingrata,
Pranto, que a não allivia,
Olhos, que estão a verter...
Soffra o coração, embora!
Soffra! Mas viva! Mas ba'a
Cheio, ao menos, da alegria
De viver, de viver!»

Viver? Mas como, se a vida é só desenganos? Viver sem felicidade? De que maneira se logrará a ventura? Como?

Não conseguindo resolver esse problema, o Homem limitou-se a ladeal o não se tendo sahido mal, de todo. Já o dissera Pascal:

«Les hommes n'ayant pu guerir la mort, la misère, l'ignorance, se sont avisés, pour se rendre hereux de ne point y penser: c'est tout ce qu'ils ont pu inventer pour se consoler de tant de maux.»

Não se pôde entretanto afirmar que todos os homens tenham usado desse diagnostico feliz; os poetas, em geral, — refiro-me sempre aos verdadeiros poetas — não têm. O remedio parece-lhes amargo demais.

Uma heroína de Ibsen exclama, em certo lugar, ao marido:

«Eu não quero vêr nem a doença, nem a morte. Evitama o espectáculo de tudo o que é desagradavel.»

Parece-nos que a maioria dos poetas brasileiros assemelha-se a Hedda Glaber no horror á morte. E' verdade que frequentemente se encontra, especialmente nos românticos byronyanos dos meados do seculo passado, em Alvaro de Azevedo por exemplo, al-

(1) Vide: Theophilo Braga — Epopéas da raça mosarabe.
(2) Sylvio Romero — Pinheiro Chagas — Lisboa, 1904

lusão á morte e uma apparente tranquillidade á sciencia da proximidade dessa hora fatal. Raras vezes porém se des- cobre um ou outro que a peça como termo ás infelicidades desta vida. Poucos exemplos se poderá citar ao lado do de Francisco Octaviano de Almeida Rosa, do qual é celebre o soneto de que reproduzimos os ter- cetos finais:

"Tudo é podre no mundo. Que me importa
Que elle amanhã se esb'róe e que desabe,
Se a natureza para mim é morta!

E' tempo já que o meu exilio acabe...
Vem pois ó Morte, ao Nada me transporta!
Morrer... dormir... talvez sonhar... quem sabe?"

Nenhum, entretanto, dos nossos poetas, nenhum, chegou a ponto de perder na mocidade todas as espe- ranças, todas as illusões, como Al- fred de Vigny, como Leopardi. Co- mo Leopardi, por exemplo:

"E tu, cui già dal cominciar degli anni
Sempre onorata invoco,
Bella Morte, pietosa
Tu sola al mondo dei teneri affanni
Le celebrata mai
Fosti da me, s'altuo divino stato
L'onte del volgo ingrato
Rincompensar tentai,
Non tardai più, t'inchina
A dirusati preghi,
Chindi alla luce omai
Questi occhi tristi, o dell'età reina.."

Sergio Buarque de Hollanda.

III

FALAMOS em Francisco Octaviano. Foi uma excepção, dissémos nós. Foi uma excepção, não de dizer outros, talvez, do auc- tor dos «Canti»: uma excepção em seu ambiente e em sua época. E como Leopardi, dirão ainda, houve varios em nosso paiz, além de Oc- taviano. Citar-se-ha por exemplo, o Sr. Medeiros e Albuquerque, com os seus versos:

"... Mas, enfim, um dia,
Este desejo acabará também,
E nossa alma, afinal erma e vazia,
Aspirará somente, escura e fria,
A morte: — o summo bem.."

Em primeiro lugar, diga-se de passagem, é duvidosissima a sinceridade do auctor dos «Peccados» em suas poesias. Pode-se mesmo negal-a sem receio de errar. Basta ler os seus escriptos posteriores, os seus artigos na imprensa diaria, onde mos- tra extraordinario apego ás cousas praticas pelas quaes sempre se tem batido. Aliaz são muito communs es- sas ideias em alguns moços dotados de forte poder de assimilação. E' só cahir-lhes ás mãos o Schopenhauer para que se ponham a fazer alarde das theorias do «Die Welt als Wille und Vorstellung». Henry Bordeaux cita no prefacio da 26.ª edição de seu romance «Peur de Vivre», o caso de um jovem que se suicidou no Lyceu de Lyon deixando escri- ptas no quadro negro estas terríveis palavras:

"Je suis jeune, je suis pur et je vais mourir."

As aulas de philosophia, de seu professor, o tinham desgostado da existencia.

Os nossos poetas, em geral, não são pessimistas. E' um erro o col- locar-se Octaviano ao lado de Leo- pardi o «sombre amant de la Mort» de Alfred de Musset. A concepção que da vida possui Francisco Octa- viano difiere essencialmente de Gia- como Leopardi. Apresenta, pelo con- trario muitos pontos de contacto com a de Hebbel que se resume nas pa- lavras de Leonardo de Vinci:

"Il dolore è salvazione dello strumento.."

A dôr, segundo a concepção heb- beliana, é uma «necessidade da vi- da, indispensavel para chegarmos ao caminho da salvação». E quem des- conhece a poesia celebre de Octa- viano que resume mais ou menos o pensamento de Christian Hebbel?

"Quem passou pela vida em branca nuvem
E em placido somno adormeceu.
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não soffreu
Foi espectro de homem, não foi homem
Só passou pela vida, não viveu.."

Essa poesia é uma prova cabal de que Octaviano não era pessimis- ta. Se a vida é só dôr e desgosto, se para que ella exista é necessario que se soffra, que se «sinta o frio da desgraça», então porque essa re- volta contra o destino? E' nossa opi- nião que elle assignaria de bom gra- do o soneto de Raymundo Correia, que assim termina:

"Dôr é tudo; e nada ha, que justifique
Essa revolta universal, eterna
Da creatura contra o creador.."

Tambem Hebbel, cuja concepção da vida não differe da de Octaviano, como já dissemos, achava que a des- peito de todos os seus males, devemos tolerar a vida e que a dôr moral é necessaria para que ella possa cha- mar-se vida. Ronsard, já dizia:

Les bois coupés reverdissent plus beaux.

Apezar disso, ou talvez por isso mesmo, é que o proprio Hebbel, em carta dirigida a Dulk, affirmava que «poucos na terra poderiam sentir harmonia na vida como elle». E is- so, sem embargo de considerar «a felicidade uma chiméra e a esperan- ça, larva mendaz». (1)

E essa também, a opinião de qua- si todos os poetas brasileiros e por- tuguezes. As Pombas de Raymun- do Correia, cuja ideação, a tivera se- melhante, Theophilo Gautier, não é senão um desenvolvimento dessa opi- nião. O Sr. Medeiros e Albuquer- que compoz um soneto do mesmo genero e baseado na mesma theo- ria o qual, não sabemos porque, jaz em quasi completo oblivio. A diffe- rença entre esse soneto, *Illusões e As Pombas* está apenas em que as aves foram substituidas por:

"Vélas fugindo pelo mar em fora..."

Além disso o soneto do Sr. Me- deiros e Albuquerque limita-se a di- zer que as velas partem. Em Ray- mundo Correia, «as pombaes as pombas voltam». E é por isso que como notou um critico da época, o espirito machinalmente completa a ideia tornando os versos do Sr. Me- deiros e Albuquerque, irmãos dos de Raymundo Correia.

"Fôgem... porem ao porto as vélas voltam
E a alma as illusões não voltam mais..."

No fundo os dois sonetos con- fundem-se quasi. Ha, ainda, do mes- mo genero o do Sr. Vicente de Car- valho que não precisariamos citar, tão conhecido é: *Velho Thema*. Gon- çalves Crespo, o maviioso e injusta- mente esquecido cantor dos «Noctur- nos», também compusera já no lei- to onde o foi colher a morte, o bello soneto dedicado á Condessa de Sa- bugosa, o qual differe um tanto na forma, mas não no fundo, dos ulti- mos. Iamos nos esquecendo do lindo soneto de Antonio Nobre, — Menino e Moço —, que a ignorancia e o pedan- tismo do Sr. Albino Forjaz deram como filhote de uma poesia de Gautier, — Les Co- lombes —, que aliaz nunca existiu. Note-se que nem No- bre, nem Raymundo Correia inspiraram-se em poesia algu- ma de Theophilo Gautier como

insinuou o auctor das «Palavras Cy- nicas» e como se diz muito por ahi, de outiva, mas nas suas palavras conhecidissimas:

"Si tu viens trop tard, ô mon ideal, je n'aurai plus la force de t'ai- mer. Mon ame est comme un co- lombier tout plein de colombes. A tout heure du jour, il s'en envole quelque desir. Les colombes revien- nent au colombier mais les desirs ne reviennent pas au coeur."

O soneto de Raymundo Correia traduz litteralmente esse pensamen- to. O de Antonio Nobre afastou-se mais.

"Tombou da haste a flor da minha infancia
[alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos Ceus a pomba enamorada
Que dantes estendia as azas sobre mim."

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada,
N'um castello de prata embutido em marfim!
Mas, hoje as pombas de oiro, aves de minha
[infancia,
que me enchiam de Lua o coração, outróra,
Partiram e no Céu evolam-se a distancia!
Debalde choro e clamo, erguendo aos ceus meus
[ais:
Voltam na aza do Vento os ais que a alma
[chora,
Ellas, porem, Senhor! ellas não voltam mais..."

Tambem o Sr. Martins Fontes escreveu:

"Tudo na vida brilha e passa,
miragem de um momento,
dando a impressão de um pouco de fumaça
sobre as azas do vento..."

O introductor do symbolismo em Portugal, o Sr. Eugenio de Castro, também escreveu um soneto sobre o mesmo assumpto e que assim terminava:

"Sonhamos sempre um sonho vago e dubio!
Com o Azar vivemos em connubio,
E a pezar disso A Alma continua
A sonhar a Ventura! — Sonho vão!
Tal um menino, com a rosea mão,
Quer agarrar a levantina Lua!"

Já que temos citado varios poe- tas contemporaneos, alguns ainda vivos não vae mal nenhum em lem- brarmos o soneto do Sr. Olegario Mariano, — Felicidade —, que fe- cha com chave de ouro, este nosso timido ensaio:

"Não creias nunca na Felicidade.
Não creias, que ella é como o teu amor
Passa e deixa um perfume de saudade
Um rastro cruel de lagrima e de dôr.
Gastei meu sangue na intranquillidade
De buscal-a, insensato sonhador!
Ella é o opala do sonho, a leviandade,
Passa de mão em mão, muda de côr!
Deixa que só me illuda em procural-a.
Felicidade é a sombra que nos falla,
Que nos maldiz na vida ou nos bemdiz.
Ephemera e imprecisa como um beijo,
Ella está sempre no desejo
Louco que a gente tem de ser feliz.."

Sergio Buarque de Hollanda.

da Cigana

I — 15 de Setembro de 1920
II — 1 de Janeiro de 1921
III — 1 de Fevereiro de 1921